

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA COM ÊNFASE NA
INCLUSÃO SOCIAL**

9,5

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DO 1º ANO DA ESCOLA
MUNICIPAL MARIA LUIZA DO NASCIMENTO SILVA**

angela.luci.123@hotmail.com

Autora: Ângela Luci De Oliveira

Orientadora: Profa. Ma. Marina Silveira Lopes

ARIPUANÃ/2013

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA COM ÊNFASE NA
INCLUSÃO SOCIAL**

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DO 1º ANO DA ESCOLA
MUNICIPAL MARIA LUIZA DO NASCIMENTO SILVA**

Autora: Ângela Luci de Oliveira

Orientadora: Profa. Ma. Marina Silveira Lopes

“Trabalho apresentado como exigência parcial para a
obtenção do título de Pós Graduação em Psicopedagogia
com Ênfase na Inclusão Social”

ARIPUANÃ/2013

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA COM ÊNFASE NA
INCLUSÃO SOCIAL**

BANCA EXAMINADORA

(nome)

(nome)

ORIENTADORA

Profa. Ma. MARINA SILVEIRA LOPES

RESUMO

Esta pesquisa foi elaborada com o intuito de Identificar as causas que ocasiona a dificuldade de aprendizagem nos alunos do 1º Ano “B” da Escola Municipal Maria Luiza do Nascimento Silva em Aripuanã/MT. Para tanto, realizou-se pesquisa bibliográfica sobre a criança de seis anos de idade no ensino fundamental de nove anos, dificuldade de aprendizagem e a relação família escola no processo de aprendizagem. Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa realizou-se entrevista com questionário elaborado com dez perguntas abertas a mães de alunos com dificuldade de leitura da referida turma. Entendemos que cada criança tem seu ritmo próprio de aprendizagem e que cabe ao professor conhecer as especificidades de cada aluno, esta pesquisa nos proporcionou esse olhar diferenciado, conhecer as especificidades de cada família nos deu embasamento teórico para compreender a dificuldade de leitura destes alunos, uma vez que, essas famílias não possuem o hábito da leitura e como vimos na fala de Albuquerque a criança que vive em um ambiente leitor, tem condições de aprender a ler e a escrever mais cedo e conseqüentemente se tornar uma leitora de fato.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem. Relação Família/Escola.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Vista frontal da EM Maria Luiza do Nascimento Silva.....	17
FIGURA 02: Alunos do 1º Ano em sala de aula	20
FIGURA 03: Alunos do 1º Ano em atividades recreativas.....	21

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I: A RELAÇÃO FAMÍLIA/ESCOLA CONTRIBUI PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA	9
CAPÍTULO II: A CRIANÇA DE SEIS ANOS NO ENSINO FUNDAMENTAL	12
2.1 Dificuldade de Aprendizagem	15
CAPÍTULO III: O BAIRRO JARDIM PLANALTO	17
3.1 Escola Municipal Maria Luiza do Nascimento Silva	18
3.2 Turma Pesquisada	21
3.3 Análise e discussão dos resultados	22
CONCLUSÃO	26
REFERÊNCIAS	29
ANEXOS	31

INTRODUÇÃO

A educação é um processo de aprendizagem e de aperfeiçoamento, por meio da qual as pessoas se preparam para a vida. Através da educação o ser humano se desenvolve.

O estudo do processo de aprendizagem humana e suas dificuldades são desenvolvidos pela Psicopedagogia, levando-se em consideração as realidades interna e externa, utilizando-se de vários campos do conhecimento, integrando-os e sintetizando-os. Procurando compreender de forma global e integrada os processos cognitivos, emocionais, orgânicos, familiares, sociais e pedagógicos que determinam à condição do sujeito e interferem no processo de aprendizagem, possibilitando situações que resgatem a aprendizagem em sua totalidade de maneira prazerosa.

Diante deste contexto essa pesquisa foi elaborada com o intuito de identificar as causas que ocasiona dificuldades de leitura em alguns alunos do 1º Ano “B” da E.M. Maria Luiza do Nascimento Silva no Município de Aripuanã /MT.

A pesquisa se delimitou na turma do 1º Ano “B” da E.M. Maria Luiza do Nascimento Silva no Município de Aripuanã /MT, tendo como foco os alunos que apresentavam dificuldades na leitura.

Para a realização desta, levantou-se as seguintes problemáticas: A falta de capacitação específica em alfabetização, ocasiona as dificuldades de aprendizagem dos alunos do 1º Ano “B” da E.M. Maria Luiza do Nascimento Silva? A falta de participação dos pais nas atividades escolares e extraescolares contribui para que alguns alunos do 1º Ano “B” da E.M. Maria Luiza apresentem dificuldades de aprendizagem? A escola Maria Luiza do Nascimento Silva e a metodologia adotada em sala de aula são adequadas para incluir os alunos de seis anos no ensino fundamental de nove anos?

Para alcançarmos os objetivos propostos nesta pesquisa, adotamos como metodologia pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo.

Na pesquisa bibliográfica levantamos teorias sobre a criança de seis anos no Ensino Fundamental de nove anos, dificuldade de aprendizagem e a relação família escola no processo de desenvolvimento integral da criança. Através da pesquisa de campo realizamos entrevista com quatro pais de alunos do 1º Ano “B” da EM Maria Luiza do Nascimento Silva, que apresentam dificuldade de leitura. Para a realização

da entrevista foi utilizado questionário com dez perguntas abertas, estas realizadas no mês de setembro de 2011.

A pesquisa está estruturada em três capítulos, sendo que, no primeiro capítulo foi explanado sobre a contribuição da relação família/escola no desenvolvimento integral da criança. As especificidades da criança de seis anos no Ensino Fundamental de nove anos é o assunto principal do segundo capítulo, trazendo as contribuições de estudiosos que explanam sobre as dificuldades de aprendizagem. O levantamento de dados, contextualização do bairro, da escola e da turma são explanados no terceiro capítulo, onde a pesquisadora pode trazer a rotina dos alunos pesquisados em sala de aula. Fechamos a pesquisa trazendo as considerações alcançadas através das pesquisas bibliográficas e de campo.

CAPITULO I

A RELAÇÃO FAMÍLIA/ESCOLA CONTRIBUI PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA

A parceria escola/família é fundamental para que o processo educativo aconteça de fato. Segundo Souza e Loch (2008, p. 11) “a parceria escola/família se resume no respeito mútuo, o que significa tornar paralelos os papéis de pais e professores”, cada um assumindo o seu papel na educação da criança.

Para que a educação aconteça realmente é necessário que estas duas instituições escola/família caminhem juntas, quando o papel de educar recai somente a uma dessas instituições o processo educativo acontece de forma fragmentado.

Ao lado da família, a escola permanece sendo um espaço de formação que deve, para tanto, repensar a sua ação formadora, preocupando-se em formar seus educadores para que os mesmos reúnam recursos que os permitam lidar com os conflitos inerentes ao cotidiano escolar. (SOUZA e LOCH, 2008, p.11).

Para Souza e Loch (2008) a escola não é a única instância de formação de cidadania. Mas, o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade depende cada vez mais da qualidade e da igualdade de oportunidades educativas.

Ao escolher a escola de seus filhos, a família cria expectativas de encontrar uma escola que “eduque” o filho naquilo que a família não se julga capaz de fazer, principalmente em relação a estabelecer limite, orientação sexual e escolha da profissão que irão exercer no futuro.

Segundo Nerici (1972) a educação deve orientar a formação do homem para que ele possa viver em sociedade, no entanto, a família é a base fundamental neste processo educativo.

Para o autor a influencia da família no processo educativo é fundamental, nenhuma outra instituição tem condições de suprir ou substituir o seu papel. Sendo assim, reserva à família a promoção da educação familiar, onde a criança começa a desenvolver sua participação social e à escola, ficamos direitos sobre o

conhecimento científico acerca das áreas disciplinares, como também sobre aqueles que diziam respeito aos processos de aprendizagem.

Segundo Souza e Loch (2008) é necessário a construção de uma relação entre escola e família, no sentido de estabelecer compromissos e acordos mínimos entre as duas instituições para que a criança tenha uma educação com qualidade tanto em casa quanto na escola. Para os autores é comum observar na fala diária dos professores que as crianças que não recebem atenção adequada da família, geralmente apresentam dificuldades de aprendizagem e de relacionamento.

Para os autores, na concepção dos professores, a participação dos pais na vida escolar dos filhos é primordial para que estes desenvolvam suas competências educacionais, a não participação e acompanhamento dos pais na vida escolar dos filhos resulta em muitos casos, no desenvolvimento de dificuldades de aprendizagem dos alunos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394/96 afirma em seu artigo 29

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996, p. 10).

Segundo Souza e Loch (2008, p.10), “escola, porém, é uma instituição que complementa a família nas questões educacionais e, como tal, precisa ser um local agradável e também afetivo para a criança”. Assim sendo, a família e a escola podem desenvolver ações distintas entre si, mas deixando claro as responsabilidades e objetivos comuns de cada uma, qual seja, o desenvolvimento integral da criança.

Os pais precisam reconhecer que a escola não é uma entidade estranha, desconhecida e que sua participação é fundamental para que ela, a escola, desenvolva seu papel social e ofereça uma educação de qualidade.

Para Souza e Loch (2008, p. 10) “quando a família atua em parceria com a escola, quem ganha é a criança”, pois ela terá as duas instituições trabalhando lado a lado em prol do desenvolvimento de suas capacidades intelectuais e sociais. Para os autores a presença dos pais na escola é um gesto de apoio aos esforços da escola. As reuniões individuais entre professores e pais, quando é possível, é uma

rica oportunidade para estreitar os laços entre família e escola, cujo objetivo é o mesmo, o processo de aprendizagem da criança.

Segundo Nerici (1972) os pais são protagonistas dessa educação e, portanto, não podem se afastar desse processo. Precisam contribuir com a escola na formação integral destes alunos.

Para os autores, a escola deve ser um espaço de troca de experiências educativas para os pais e onde eles encontrarão apoio para viver dentro dos valores morais e padrões de condutas escolhidos que, por vezes, não são valorizados em outros ambientes sociais.

Vygotsky (1998) afirma que o aprendizado das crianças começa antes de elas frequentarem a escola, na família e no meio em que está inserida. Os pais e educadores são responsáveis pela educação integral da criança, responsáveis pelo modo como vai se relacionar consigo mesma, com os outros e com tudo que a cerca.

De acordo com os autores citados acima, é necessário ensinar limites as crianças e dar conta dos desafios da vida, na condição de quem não vive sozinho e mostrar a eles que para um bom convívio social, precisam saber respeitar o outro e a si mesmo, ou seja, a liberdade de ação pressupõe respeito, em fim, podemos afirmar que educar tem, necessariamente, a ver com deixar crescer, tornar-se responsável.

De acordo com Rizzo (2005) as crianças estabelecem relações diversas com diferentes grupos sociais, além da família, portanto estas relações exercem papel ativo na construção dos valores, das normas de conduta e da sua autonomia. E estas relações se refletirá nos relacionamentos que ela virá a desenvolver com as pessoas de seu meio social.

Quando os pais se propõem a educar em parceria com a escola, assumem sua função social que é de dar a base da identidade da criança. As relações que as crianças irão estabelecer fora de casa, demonstram a educação que estes receberam dos pais.

A seguir abordaremos sobre a entrada da criança de seis anos de idade no ensino fundamental, uma vez que, pesquisas mostram que essa inserção, quando mal acompanhada pelos pais e pela escola, pode ocasionar em dificuldade de aprendizagem na criança.

CAPÍTULO II

A CRIANÇA DE SEIS ANOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

No ano de 2006 o Governo Federal promulgou a Lei nº 11.274/2006, que cria o Ensino Fundamental de nove anos, ou seja, com a referida lei as crianças de seis anos de idade, passam a ter o direito de ingresso no Ensino.

A inclusão das crianças de seis anos no ensino fundamental provoca uma série de indagações nos professores, muitos acreditam que elas deveriam estar na educação infantil, enquanto os outros, dizem que elas possuem competências para acompanhar o Ensino Fundamental.

Para entender melhor sobre a inclusão das crianças de seis anos de idade no Ensino Fundamental, é necessário que compreendamos o papel da escola na educação da criança.

Segundo Nascimento (*apud* MEC, 2006, p. 25) “a entrada das crianças de seis anos no ensino fundamental se faz em um contexto favorável, pois nunca se falou tanto na infância como se fala hoje”. Os reflexos desse olhar podem ser percebidos em vários contextos da sociedade, através de materiais produzidos para o público infantil.

Para Kramer (*apud* MEC, 2006) para considerar a infância em sua totalidade é preciso olhar para todos os espaços onde esta está inserida e em que atividades estão envolvidas quando não estão na escola.

A escola que atende crianças de seis anos no ensino fundamental precisa considerar uma metodologia que contemple as especificidades da infância, como jogos e brincadeiras, uma vez que, no ensino fundamental é priorizado as competências de ler e escrever. Infelizmente, quando as crianças chegam a esta etapa de ensino, é comum ouvir a frase: Agora a brincadeira acabou. Para Kramer (*apud* MEC, 2006, p. 30) “nosso desafio é aprender sobre e com as crianças por meio de suas diferentes linguagens”. Sendo assim, é necessário definir caminhos pedagógicos nos tempos e espaços da escola e da sala de aula que favoreçam o encontro da cultura infantil, a brincadeira se torna essencial, pois nela estão presentes as múltiplas formas da criança ver e interpretar o mundo.

Segundo Goulart (*apud* MEC, 2006, p. 87) “a criança de seis anos está naquela idade inquieta em já não é uma pequena criança, e não é ainda uma criança grande” desta forma a escola espera que a criança de seis anos possa ser iniciada no processo formal de alfabetização, visto que possui condições de compreender e sistematizar determinados conhecimentos. Espera, também, que tenha condições de permanecer mais tempo concentrada em uma atividade, porém, a escola deve considerar as singularidades de cada criança, que cada uma possui seu ritmo de aprendizagem.

Ao iniciar sua etapa no ensino fundamental a criança de seis anos encontra-se no espaço de transição da educação infantil para o ensino fundamental. Considerar as especificidades desta faixa etária é importante para que não haja rupturas nesta transição, mas uma continuidade do processo de ensino e aprendizado iniciado na educação infantil. Em relação às crianças que não frequentaram espaços educativos de educação infantil, Goulart (*apud* MEC, 2006, p. 87) afirma que “é essencial que as crianças possam sentir a escola como um espaço diferente de seus lares, que se sintam acolhidas e que também possam continuar aprendendo criativamente”.

Desta forma a escola potencializa a vivência da infância pelas crianças, etapa essa tão importante da vida, em que se aprende tanto. Assim, considerando a participação das crianças de seis anos na escola em espaços e tempos adequados à singularidade dessa fase da vida, a experiência de aprender ganha significado social na perspectiva da constituição da autonomia e da cidadania.

Assim, a escola pode ser sempre um lugar de afirmação do que as crianças e os adolescentes já são e sabem, ao mesmo tempo em que leva mudanças significativas, a novos conhecimentos, por meio da aprendizagem, em relação à compreensão do grupo a que pertencem na escola e à compreensão de novas possibilidades de vida, de modo geral.

2.1. DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Como vimos anteriormente à boa relação escola/família é fundamental para o desenvolvimento intelectual e social da criança. Quando os pais assumem a responsabilidade junto com a escola na educação de seus filhos o aprendizado acontece realmente.

Segundo Silva (2007, p.5) “para aprender, a criança nasce com um aparato biológico, uma estrutura interna herdada que vai se desenvolvendo a partir de diferentes aprendizagens”. Para a autora a criança vai se desenvolvendo e criando novos conhecimentos na interação com outros sujeitos e com o meio. Entretanto, “se essas condições internas do sujeito da aprendizagem sofrem alterações advindas de transtornos físicos e/ou emocionais, torna-se prioridade para a Escola” (SILVA, 2007, p. 5), ou seja, a criança pode desenvolver dificuldade de aprendizagem.

O termo dificuldade de aprendizagem vem gerando muita discussão quanto a sua conceituação, exigindo uma série de reflexões a partir de diferentes linhas de pesquisa que embasam a teoria e a prática nessa área de conhecimento.

Carvalho (2009) conceitua dificuldade de aprendizagem como

Um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de transtornos que se manifestam por dificuldades significativas na aquisição e uso da escuta, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Esses transtornos são intrínsecos ao indivíduo, supondo-se devido à difusão do sistema nervoso central e podem ocorrer ao longo do ciclo vital. (CARVALHO, 2009, p.01)

A lentidão além do normal na realização de uma série de tarefas, ou específica pode ser sinônimo de alguma dificuldade de aprendizagem apresentada em uma área específica.

Percebemos que as crianças que apresentam dificuldades significativas na aquisição da leitura, escrita, da fala e do raciocínio podem sofrer de algum transtorno de aprendizagem.

Ao analisar um grupo de crianças do 1º Ano que apresentam dificuldades na leitura, temos como objetivo identificar as causas que ocasionam essa dificuldade de aprendizagem, se elas estão relacionadas a fatores internos ou externos a criança.

Segundo Carvalho (2009, p.07) “durante muitos anos por falta de informação, os alunos que apresentavam dificuldades de aprendizagem eram excluídos dos demais da sala”.

Atualmente já se sabe que ninguém apresenta baixo rendimento por vontade própria. Os estudos realizados neste curso de Psicopedagogia com Ênfase em Inclusão Social, nos mostra que cada criança tem seu tempo e modo de aprender, nenhuma aprende no mesmo ritmo que a outra. Algumas podem apresentar algum tipo de dificuldade de aprendizagem, cabe a nós educadores

identificarmos as diferentes formas de ensinar, utilizando recursos diferenciados que proporcione a criança superar suas dificuldades, sejam elas neurológicas ou não.

Em relação às diversas formas de ensinar Freire (*apud* CARVALHO, 2009) afirma que é importante conhecer as diferentes teorias de aprendizagem para compreendermos o modo e as condições necessárias à aprendizagem.

Segundo Carvalho (2009) o professor precisa conhecer como e quando as crianças aprendem, e o seu papel neste processo de aprendizagem. É necessário também que o professor compreenda que a aprendizagem escolar é um processo natural, onde estão presentes as percepções, as emoções, a memória, a motricidade e os conhecimentos deverão ser ensinados de maneira prazerosa, ajustando-se as necessidades das crianças.

Weisz (2002) afirma que o professor precisa ensinar aquilo que seu aluno necessita e não aquilo que ele acha que seu aluno precisa. Para a autora precisamos levar em consideração que em nossa sala de aula há uma diversidade de alunos, com tempos diversos de aprendizagem. Ao considerarmos essa diversidade e entendermos que cada um é diferente e que precisa de atenção diferenciada estaremos proporcionando a eles uma aprendizagem significativa e prazerosa.

CAPITULO III

O BAIRRO JARDIM PLANALTO E SUA HISTÓRIA

O loteamento Jardim Planalto foi loteado em áreas de chácaras, na gestão do então Prefeito Dr. Agostinho Carvalho Teles. O referido Bairro está distribuído em áreas de lotes, conforme projeto com área total de 59.363.081 M², áreas verdes (reservas) ainda não estão definidas, mais a área destinada ao arruamento está toda aberta.

A área destinada à instalação deste Bairro, deu-se em consequência de intenso crescimento demográfico dos últimos anos no município, no início era mata nativa, situa-se em terreno de altitude por isso o nome Planalto. A clientela da Escola Municipal Maria Luiza do Nascimento Silva é de classe média baixa, predominando famílias onde pais e mães trabalham fora, empregados na indústria e comércio (escritórios, bancos, indústrias madeireiras, construção e funcionários públicos).

A região onde a escola está instalada é predominantemente voltada para residência, comércios de pequeno e médio porte, havendo um bolsão residencial de padrão divididos em lotes e quadras, cuja ocupação se deu em meados do ano de 1999 por imigrantes oriundos de diversos estados brasileiros, predominando o Estado de Rondônia.

Em termos de estrutura urbana, o bairro conta com uma Unidade do Posto de Saúde da Família – PSF, uma unidade do Departamento de Água e Esgoto – DAE, Supermercados, Bicletaria, Salão de Beleza, Farmácia, Loja de Confecção, Oficina de Motos, um Centro de Educação Infantil, uma Escola de Ensino Fundamental (EM Maria Luiza do Nascimento Silva), Bares, Lanchonetes e Padaria. Apesar disso é grande a demanda por mais creches e escolas de ensino básico por parte das famílias que residem no bairro.

A maioria das ruas da região é de chão batido, somente as ruas próximas a Escola Maria Luiza é que receberam pavimentação asfáltica. O bairro passa por problemas na distribuição de água, devido ao crescimento rápido que o bairro vem passando nos últimos anos. O bairro possui dois projetos do Programa Minha Casa Minha Vida do Governo Federal já instalado e um terceiro já aprovado para

construção. Foi contemplado também com uma Unidade do Pro Infância (Creche tipo B com capacidade para atender 240 crianças).

3.1 ESCOLA MUNICIPAL MARIA LUIZA DO NASCIMENTO SILVA

Ela está localizada à Rua Miss. Paulo Leivas Macalão, nº 538, no Bairro Jardim Planalto, na sede do Município de Aripuanã/MT. Foi criada pelo Decreto Municipal nº 743/2000 de 06/06/2000, oferecendo a educação Básica nos níveis Educação Infantil (Pré-Escola) e Ensino Fundamental (1º ao 5º Ano). A Escola foi autorizada pela Resolução nº 033/03-CEE/MT. Está localizada no loteamento Bairro Jardim Planalto e inaugurada no ano de 2000. Vide figura 01.



Figura 01: Vista frontal da EM Maria Luiza do Nascimento Silva
Fonte: OLIVEIRA, A.L, 2011.

Inserida numa área de 5.400 m², a escola foi construída em estrutura de alvenaria, estando previsto no seu projeto arquitetônico, futura ampliações conforme o aumento da clientela escolar.

A Escola está subordinada a Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SMEC, incumbida de sua implantação, funcionamento e implementação administrativa e pedagógica, por conta de dotação orçamentária própria.

A Escola iniciou suas atividades no ano de 2001 com apenas 03 salas de aula multisseriada, atendendo 260 alunos. Foi utilizada uma sala de aula alugada e uma sala improvisada no saguão da escola. A Escola recebeu esse nome em homenagem a merendeira Maria Luiza do Nascimento Silva, natural de Manaus, Estado do Amazonas. Funcionária exemplar, após anos de serviço à educação.

No ano de 2005, a Escola foi ampliada e reformada. Atualmente a escola conta com 10 salas de aula em alvenaria, área administrativa (secretaria, Coordenação Pedagógica e Diretoria) Sala dos professores, Cozinha, Depósito, Laboratório de Informática, Sala de Apoio pedagógico (articulação), sala de Recurso multifuncional (Atendimento Educacional Especializado – AEE) 04 sanitários masculino, 04 sanitários femininos, 02 sanitários para portadores de necessidades especiais, quadra coberta, parque infantil e espaço externo gramado e arborizado.

As salas de aula são equipadas com carteiras e cadeiras para os alunos, mesa para o professor, armário e ar condicionado. O laboratório de informática conta com dez computadores doados em 2009, pelo Governo Federal através do Programa Nacional de Informática na Educação (Proinfo) e são conectados a rede mundial de computadores.

A Sala de Recurso Multifuncional ou Sala de Atendimento Educacional Especializado foi doada em 2010, pelo Governo Federal através do Proinfo. Conta com um computador adaptado para alunos especiais (teclado com colméia, fone de ouvido) jogos adaptados (dominó, quebra-cabeça, entre outros). A cozinha é bem equipada e arejada, possui: freezer, geladeira, fogão, armário, mesa, equipamentos elétricos (batedeira, liquidificador, cilindro). Os produtos para a alimentação escolar são enviados semanalmente pela SMEC, adquiridos com recursos do Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE e pela CONAB, adquiridos no comércio local. A escola conta com uma equipe pedagógica composta, veja quadro 1

Quadro 1: Formação dos professores

Funcionário	Qualificação	Período
Uma Diretora	Licenciada em Pedagogia para as Séries Iniciais	Dedicação Exclusiva
Uma Coordenadora Pedagógica	Licenciada em Pedagogia para as Séries Iniciais	Dedicação Exclusiva
Uma Professora Articuladora	Licenciada em Pedagogia para as Séries Iniciais	40 horas
Uma Professora da Sala de Atendimento Educacional Especializado	Ensino Médio Magistério	40 horas
Dois Professores	Licenciado em Educação Física	20 horas
Três Professoras	Ensino Médio Magistério	20 horas
Duas Professoras	Licenciadas em Pedagogia para a Educação Infantil	20 horas
Quinze Professoras	Licenciadas em Pedagogia para as Séries Iniciais	20 horas

Fonte: Projeto Político Pedagógico da EM. Maria Luiza do Nascimento Silva

A equipe de apoio conta com 01 Secretária, 03 Cozinheiras, 03 Zeladoras e 02 Vigias. Totalizando 35 funcionários, entre efetivos e contratados.

No ano de 2007 a EM Maria Luiza do Nascimento Silva participou da Prova Brasil e não alcançou a Média Nacional estipulada. Com seu Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB baixo, a escola foi contemplada com recurso do Governo Federal para desenvolver ações para melhoria da qualidade de educação, mediante a elaboração e aprovação do seu Plano de Desenvolvimento da Escola – PDE-Escola. Com a metodologia do PDE-Escola a EM Maria Luiza do Nascimento Silva, a partir do ano de 2009 vem gradativamente melhorando seu IDEB.

No ano de 2012 a Escola foi contemplada com o Programa Mais Educação do Governo Federal para desenvolver atividades de educação integral. O recurso é feito através de transferência financeira do Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE direto ao Conselho Escolar, que junto a Gestão Escolar são os responsáveis de gerenciar o recurso e desenvolver as ações validadas em seu Plano Consolidado do Mais Educação.

Atualmente a escola atende 239 alunos na educação integral, em atividades diferenciadas como: Artesanato, Flauta doce, Futsal, Ginástica Rítmica, Karatê, Handebol, Pintura, Teatro, Violão e Aulas de Reforma. Algumas dessas atividades são desenvolvidas em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, através do Projeto Educarte de educação integral, outras são desenvolvidas na própria escola utilizando os recursos recebidos do Programa Mais Educação.

A seleção dos alunos atendidos na educação integral segue as normas e orientações do Programa, que prioriza o atendimento aos alunos com dificuldade de aprendizagem, que estão em defasagem idade/ano e que se encontra em situação de vulnerabilidade social.

A seguir detalharemos a rotina dos alunos da turma pesquisada.

3.2 TURMA PESQUISADA

A turma 1º Ano B, da Escola Municipal Maria Luiza do Nascimento Silva é composta por alunos na faixa etária dos 06 aos 07 anos de idade e possui 24 alunos matriculados. Seu atendimento é no período matutino das 07h00min às 11h00min.

A sala de aula é composta com materiais acessíveis a faixa etária das crianças, as mesinhas podem ser utilizadas individualmente ou agrupadas, são coloridas o que proporciona um ambiente bem alegre. Além das mesinhas na altura das crianças, a sala possui duas prateleiras também na altura das crianças que são utilizadas para o acondicionamento dos materiais utilizados na aula.

A sala de aula possui dois ar condicionados que são ligados nos períodos mais quentes do dia. Nas paredes são afixados cartazes educativos feitos pela professora, e também atividades produzidas pelos alunos, com o intuito de valorizar a produção das crianças.

A rotina da turma está esquematizada da seguinte forma: 07h00min início da aula, a professora canta várias músicas infantis, ou faz a leitura de uma historinha infantil, logo após é aberto um espaço para conversa informativa, onde cada aluno tem a oportunidade de relatar algum fato ou acontecimento para depois dar início as atividades do dia com a apresentação do conteúdo a ser trabalhado.

A professora da sala prioriza atividades lúdicas, utiliza atividades diferenciadas como cruzadinhas, caça-palavras, recorte e colagem, jogos como: dominó de letras, bingo de letras, quebra cabeça, dominó de números, jogo da memória, entre outros.

Das 09h00min às 09h15min é feito intervalo para o recreio. As crianças são encaminhadas em fila até a cozinha da escola onde recebem a merenda escolar. De posse de seu pratinho de merenda, as crianças saem a procura de um local para comerem, uma vez que, a escola não possui refeitório com mesas e bancos em quantidade suficiente para atender a sua demanda.

Ao retornarem do recreio é feito a correção das atividades do dia pela professora, neste momento é corrigido também o dever de casa.



Figura 2 : sala de aula
Fonte: OLIVEIRA, A.L, 2011.

Duas vezes por semana os alunos têm aula de educação física com o Professor de educação física, sendo que uma aula é na quarta-feira antes do recreio e a outra na sexta-feira após o recreio. As atividades esportivas são realizadas na quadra ou no pátio da escola, dependendo o tipo de atividade a ser desenvolvida no dia. As atividades desenvolvidas pelo professor de educação física, são atividades com bola, corda, jogos e brincadeiras infantis.

No momento desta atividade, o professor titular da turma não participa junto com seus alunos, utiliza estes momentos para organizar a sala de aula ou preparar atividades diferenciadas para os alunos.



Figura 3 – Alunos do 1º Ano em atividades recreativas
Fonte: OLIVEIRA, A.L, 2011.

As atividades do dia se encerram as 11h00min e os alunos são liberados, alguns pais trazem e buscam seus filhos na escola, outros alunos vão em companhia de irmãos mais velhos ou algum coleguinha de escola.

A Escola oferece atividades de educação integral no turno oposto ao de ensino regular. Da turma pesquisada somente sete alunos voltam no período vespertino para participar dessas atividades complementares, dos quatro alunos pesquisados somente dois participam das atividades de educação integral, os demais não participam porque os pais não deixam, segundo relato das crianças.

3.3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A turma pesquisa possui 24 alunos matriculados, destes, quatro apresentam dificuldade de aprendizagem relacionada à leitura, ou seja, ainda não desenvolveram a capacidade de ler textos verbais.

Para conhecermos as causas que ocasionam a dificuldade na leitura, foi realizado entrevista com as quatro mães dos alunos pesquisados. A entrevista foi feita através de questionário contendo dez perguntas abertas. Das perguntas realizadas utilizamos seis perguntas para o levantamento de dados e, as quatro perguntas restantes foram utilizadas para compor o perfil das entrevistadas.

As mães entrevistadas possuem entre dois e três filhos em idade escolar. Três são casadas e uma é separada.

Para analisarmos os dados colhidos na entrevista identificamos como Mãe 1 a mãe que é separada; Mãe 2, Mãe 3 e Mãe 4, as mães que são casadas.

Quando perguntamos as mães se a criança (aluno pesquisado) fez a Educação Infantil, elas responderam: Mãe 1 – “Sim”, Mãe 2 – “Não, porque morava com o pai e trabalhava no mato”, Mãe 3 – “Sim”, Mãe 4 – “Não fez”.

Percebemos que o fato de fazer ou não a Educação Infantil não é um fator explicativo para nossa pesquisa, ou seja, das quatro crianças que apresentam dificuldade na leitura, duas delas passaram pela Educação Infantil. Podemos descartar a possibilidade de relacionar a dificuldade na leitura com a participação ou não na Educação Infantil.

Segundo Corsino (*apud* MEC, 2006, p. 57) “é na singularidade e não na padronização de comportamentos e ações que cada sujeito, nas suas interações com o mundo sócio-cultural e natural, vai tecendo os seus conhecimentos”. Para a autora devemos considerar as singularidades/particularidades de cada indivíduo no processo de aprendizagem, ou seja, os sujeitos pesquisados possuem suas características próprias que devem ser consideradas em nossa análise.

Em relação à profissão das pesquisadas perguntamos se estas trabalhavam fora e qual a profissão que exercem: Mãe 1 – “trabalha, serviço geral e babá”, Mãe 2 – “Sim, cozinheira”, Mãe 3 – “Não, mas cuido de um menino em casa”, Mãe 4 – “Neste momento não, sou doméstica”.

Na sequência questionamos com que as crianças ficam quando não estão na escola. Elas responderam: Mãe 1 – Não quis responder a pergunta, mas segundo a própria criança, eles ficam em casa sozinhos enquanto a mãe vai para o serviço, Mãe 2 – “Levo eles para o meu serviço”, Mãe 3 – Não respondeu, porém não trabalha fora, Mãe 4 – “Ficam só, porque o mais velho tem 11 anos e cuida dos dois menores”.

Na quinta pergunta, indagamos quem ajuda a criança com os deveres de casa e qual o horário que ele realiza esta atividade. Vamos as suas respostas: Mãe 1 – “O irmão mais velho, à tarde”, Mãe 2 – “Eu, geralmente à tarde”, Mãe 3 – “Eu, geralmente à tarde”, Mãe 4 – “Minha irmã, porque eu não tenho estudo, geralmente à noite”.

Analisando as respostas das entrevistadas percebe-se que, as que não trabalham fora ajudam os filhos com o dever de casa, e as que trabalham fora delegam esse papel aos filhos maiores ou outro parente próximo.

Perguntamos para as entrevistas se elas lêem para os filhos e que tipo de leitura realiza com eles. Elas responderam: Mãe 1 – “Não, por falta de tempo”, Mãe 2 – “Nem sempre, quando leio, escolho histórias infantis”, Mãe 3 – “O livro didático e as leituras que a professora manda”, Mãe 4 – “Minha irmã ou meu marido lê, histórias bíblica e outros”.

Percebemos que somente na casa da Mãe 1 não há o hábito da leitura, atribuímos o fato, a esta ser separada e trabalhar fora de casa, não restando tempo para desenvolver estas atividades de incentivo a leitura.

Na sétima questão, perguntamos se elas participam das reuniões escolares, confraternizações, feira de ciências e apresentações do filho. Confira as respostas das mães: Mãe 1 – “Algumas vezes, por motivo de trabalho”, Mãe 2 – “Não, porque sempre trabalho e fica difícil para mim”, Mãe 3 – “Participo sempre que posso”, Mãe 4 – “Sempre quando posso, sim”.

Notamos que as mães desconhecem o seu direito de acompanhar a vida escolar de seus filhos, uma vez que, a legislação vigente garante ao trabalhador participar de reuniões ou eventos escolares dos filhos sem prejuízo ao seu trabalho.

Dando prosseguimento a entrevista, perguntamos a que elas atribuem à dificuldade de leitura do filho (aluno pesquisado). Elas responderam: Mãe 1 – “Acredito que o que atrapalha é a separação, porque ela era muito ligada ao pai”, Mãe 2 – “Por falta de acompanhamento dos pais em ajudar, e o tempo também”, Mãe 3 – “Acredito que cada um tem o seu tempo”, Mãe 4 – “Falta de atenção dela mesma”.

Vimos pela resposta da Mãe 1 que ela atribui a dificuldade de leitura da filha como consequência da sua separação, uma vez que, a criança era muito ligada ao pai, porém outros fatores devem ser considerados além da separação dos pais, uma vez que, a criança fica em casa com o irmão mais velho, os deveres de casa são realizados com a ajuda do irmão e não há evidência de incentivo a leitura na casa.

A Mãe 2, reconhece que a falta de acompanhamento dos pais na vida escolar dos filhos pode ocasionar dificuldades de aprendizagem, porém esta justifica a não participação a falta de tempo. Pelos dados obtidos, verificamos que a mãe leva a criança junto para o seu trabalho e nem sempre ela possui tempo para ler para a criança.

A Mãe 3, atribui a dificuldade de leitura, ao ritmo próprio de cada criança, percebemos pelas respostas dadas, que ela ajuda a criança com os deveres de casa, e realiza somente leituras que a professora manda, ou seja, não há um hábito estabelecido de leitura em casa.

Já a Mãe 4, eximiu-se de toda responsabilidade, diz que a dificuldade de leitura da criança está relacionado a falta de atenção da própria criança. Podemos atribuir ao fato da mãe não ter estudo, porém, percebemos que o pai e a tia realizam leituras com a criança.

Segundo Albuquerque (*apud* MEC, 2006, p. 70) “a criança que vive em ambientes ricos em experiências de leitura e escrita, se motivam para ler e escrever desde cedo”. Comparando as respostas das mães com a fala do autor, percebe-se que as crianças pesquisadas não estão inseridas em um ambiente leitor, ficando essa função de incentivo à leitura, restrita ao ambiente escolar.

Não vamos atribuir culpa aos pais, mesmo porque, sabemos que na cidade, nem todas às famílias têm a oportunidade de adquirir livros de literatura infantil ou juvenil para os filhos, seja pela situação financeira das famílias, seja pela falta de acesso a estes livros no comércio, ou mesmo falta de uma cultura leitora, ou seja, nós não temos o hábito de investir na compra de livros.

De posse destes dados perguntamos as entrevistadas, se elas acreditam que o filho tem dificuldade de aprendizagem e a que elas atribuem essa dificuldade. Mãe 1 – “Sim, porque a separação mexeu muito com o psicológico dela”, Mãe 2 – “Não tem interesse em aprender”, Mãe 3 – “Nós em casa ajuda ela bastante, ma ela tem muita dificuldade de fazer a junção das sílabas”, Mãe 4 – “Não. Porque eu acredito que cada criança tem seu tempo, ela é um pouco desinteressada e não presta atenção”.

Pelas respostas de duas das entrevistas percebemos que as Mães acreditam que a criança não tem interesse em aprender, não prestam atenção na aula. Segundo Goulart (apud, MEC, 2006, p. 87) “a criança de seis anos está naquela idade inquieta”, ou seja, para a autora, no Ensino Fundamental espera-se que a criança permaneça mais tempo concentrada em uma atividade e muitas vezes os professores se preocupam em demasia com o conteúdo de ensino e não param para conhecer as especificidades de seus alunos.

Entendemos que a criança de seis anos encontra-se no espaço de interseção da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, sendo assim, o professor precisa planejar atividades diferenciadas e alternadas com brincadeiras, jogos e atividades lúdicas para que estas sintam prazer em desenvolvê-las.

CONCLUSÃO

Com os estudos efetuados nesta pesquisa, percebemos que no universo de vinte e quatro crianças matriculadas na turma pesquisada, apenas quatro ainda possuem dificuldade de leitura o que nos mostra que a metodologia adotada em sala de aula é adequada para esta faixa etária.

Através dos dados levantados na pesquisa de campo, percebemos que a falta de interação família/escola é um fator que influencia na aprendizagem dos alunos e fica evidente nas falas das pesquisadas, a falta de tempo para o acompanhamento da vida escolar dos filhos. Essa falta de tempo, também foi percebida quando realizamos as entrevistas com as mães. Duas das mães entrevistadas demoraram muito em comparecer à escola para responder nosso questionário. Tivemos que enviar bilhetes constantemente para que esta enfim se fizesse presente.

Percebe-se que muitas vezes elas usam a falta de tempo para justificarem o não acompanhamento da vida escolar do filho.

Em relação à inserção da criança de seis anos no Ensino Fundamental, percebemos que a EM Maria Luiza do Nascimento Silva, proporciona um atendimento adequado a esta faixa etária, inclusive com atendimento no contra turno, com atividade de articulação, artesanato, esporte, informática e arte. Porém a adesão das mães ainda é muito restrita, a maioria não leva os filhos para participar destas atividades. Dos quatro alunos pesquisados, somente dois participam destas atividades e o resultado desta participação já está refletindo na aprendizagem destas crianças, elas já estão conseguindo ler pequenos textos.

Entendemos que cada criança tem seu ritmo próprio de aprendizagem e que cabe ao professor conhecer as especificidades de cada aluno, esta pesquisa nos proporcionou esse olhar diferenciado, conhecer as especificidades de cada família nos deu embasamento teórico para compreender a dificuldade de leitura destes alunos, uma vez que, essas famílias não possuem o hábito da leitura e como vimos anteriormente na fala de Albuquerque a criança que vive em um ambiente leitor, tem condições de aprender a ler e a escrever mais cedo e conseqüentemente se tornar uma leitora de fato.

Acreditamos que a escola precisa desenvolver projetos de incentivo a leitura junto às famílias das crianças dos Anos Iniciais, com o intuito de formar novos leitores e conseqüentemente, aproximar mais pais e filhos. Pois percebemos o distanciamento existente entre a escola/família e numa escala menor família/criança.

Pequenas ações como o empréstimo semanal de livros de literatura infantil para as crianças levarem para casa pode ser uma forma de aproximação da criança com sua família, não com o sentido de dever de casa, mas como leitura apenas. O dever da leitura pode tirar o prazer que a mesma proporciona as crianças pequenas.

Diante do exposto podemos concluir que alcançamos nosso objetivo que era identificar as causas que ocasiona a dificuldade de leitura nos alunos do 1º Ano “B” da Escola Municipal Maria Luiza do Nascimento Silva em Aripuanã/MT e este esta relacionado a não participação dos pais no processo ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

_____, Ministério da Educação. **Proinfantil, Programa de Formação Inicial para Professores em exercício na Educação Infantil.** Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2005.

_____, Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/** organização do documento: JeaneteBeauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

CARVALHO, Maria Salete Corrêa. **Dificuldades de Aprendizagem.** www.artigonal.com/educação-artigos/dificuldades-de-aprendizagem-1228106 Publicado em 13/09/2009. Acesso em: 10, Set,2011.

NÉRICI, Imídeo G. **Lar, escola e educação.** São Paulo: Atlas, 1972.

RIZZO, Gilda. **Alfabetização Natural.** 3ª edição- Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2005.

SILVA, Maria de Fátima Minetto Caldeira; PRESTES, Irene Carmem Piconi; FACION, José Raimundo; STIVAL, Márcia Maria. **Dificuldades de Aprendizagem.** Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2007.

SOUZA, Oralda Adur de; LOCH, Valdeci Valentim. **A escola e a família em parceria.** Curitiba: Base, 2008.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 6 ed. Tradução: José Cipola Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem.** Com Ana Sanchez – 2ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA COM PAIS

- 1 – Como é composta a sua família? Todos moram na mesma casa?
- 2 – Quantos filhos você tem em idade escolar?
- 3 – Todos fizeram a Educação Infantil?
- 4 – Você trabalha fora? Qual a sua profissão? Se sim, Quem fica com as crianças?
- 5 – Quem ajuda seu filho(a) com os deveres de casa? Qual o horário que ele realiza esta atividade?
- 6 – Você lê para seus filhos? Que tipo de leitura você realiza com ele?
- 7 – Você participa das reuniões escolares, confraternizações, feira de ciências e apresentações de seu filho? Se a resposta for não, justifique o motivo.
- 8 – A que você atribui a dificuldade de leitura de seu filho?
- 9 – Você acredita que seu filho tem dificuldade de aprendizagem? Por quê?
- 10 – Qual a visão que você tem da EM Maria Luiza do Nascimento Silva? Você acredita que ela está bem estruturada para atender as crianças pequenas?

